

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no
carnaval de Porto Alegre (1869-1885)**

Caroline Pereira Leal

Porto Alegre
2008

CAROLINE PEREIRA LEAL

As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885).

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Margaret Bakos

PORTO ALEGRE
2008

RESUMO

Mulheres e carnaval: este é o tema tratado nesta dissertação. Porto Alegre, por volta do último quartel do século XIX, passa a sofrer uma transformação no que se refere a sua maneira de render louvores ao deus Momo: surgiam as sociedades carnavalescas – Esmeralda e Venezianos; até então a data era comemorada sob a forma do entrudo, na qual as mulheres tinham ativa participação. Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres no carnaval de Porto Alegre, de 1869 a 1885, apontando para os diferentes lugares e condições que elas ocuparam nestes festejos.

Palavras-Chave: Mulheres; carnaval; cidade.

ABSTRACT

Women and carnival: this is the topic this dissertation. Porto Alegre, around the last quarter of the nineteenth century, is undergoing a transformation with regard to their way of rendering praise to God Momo: arose carnival companies - Emeraldalda and Venezianos; until then the date was celebrated in the form of entrudo, in which women had active participation. Thus, this paper aims to examine the participation of women in carnival of Porto Alegre, from 1869 to 1885, pointing to the different places and conditions which they occupied in these celebrations.

Key words: Women; carnival; city.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO | p.9 |
| CAPÍTULO I – MULHERES E ENTRUDO: o protagonismo da participação feminina no carnaval de Porto Alegre | p.26 |
| 1.1 – Entrudo e Carnaval: da Península Ibérica para Porto Alegre..... | p.26 |
| 1.1.1 – As origens da brincadeira..... | p.26 |
| 1.1.2 – Sua Chegada no Brasil | p.28 |
| 1.1.3 – O entrudo em Porto Alegre | p.29 |
| 1.2 – O Entrudo e as Mulheres | p.31 |
| 1.2.1 – O Saneamento Físico e Moral da Cidade: a moralização do comportamento carnavalesco | p.31 |
| 1.2.2 – Culpada! A condenação da Ex-Marquesa de Monte Alegre | p.34 |
| 1.2.3 – Delicadas mãozinhas e rudes limões de cheiro..... | p.39 |
| 1.3 – Entrudo, Imprensa e Repressão..... | p.44 |
| CAPÍTULO II – JÁ É O CARNAVAL: vem à luz Esmeralda e Venezianos e o ideal de passividade feminina | p.54 |
| 2.1 – Surgimento da Esmeralda e Venezianos | p.54 |
| 2.2 – As mulheres e as Sociedades Carnavalescas | p.71 |
| CAPÍTULO III – DE PLATÉIA A PARTÍCIPES: a presença feminina nas tradicionais sociedades carnavalescas porto-alegrenses | p.86 |
| 3.1 – Os bailes | p.86 |
| 3.1.1 – Mulheres e Bisnagas:a permanência do entrudo nos bailes das sociedades..... | p.92 |
| 3.1.2 – A participação das mulheres na diretoria das associações e na organização dos bailes..... | p.110 |

| | |
|---|--------------|
| 3.1.3 – Práticas e discursos sobre o comportamento das mulheres entre as camadas populares: o universo dos bailes públicos..... | p.113 |
| 3.1.4 – “Debaixo da máscara, imagine o meu amigo, o que não farão os pelintras”: a ordem na folia e o controle sobre as mulheres..... | p.116 |
| 3.2 – Desfiles | p.123 |
| 3.2.1 – As Mulheres nos préstitos das sociedades | p.126 |
| CAPÍTULO IV–DECADÊNCIA X INFLUÊNCIA | p.139 |
| 4.1 – A falência das tradicionais sociedades | p.139 |
| 4.1.1 – O entrudo e as mulheres..... | p.141 |
| 4.1.2 – Crise financeira | p.147 |
| 4.1.3 – Disputas Internas | p.154 |
| 4.2 – Surgem outras Sociedades | p.158 |
| 4.2.1 – Germânia | p.159 |
| 4.2.2 – A presença feminina na Germânia | p.171 |
| CONCLUSÃO | p.176 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p.179 |
| LISTA DE FONTES | p.186 |
| ANEXOS | p.189 |

INTRODUÇÃO

Carnaval. Para uns significará a esperada oportunidade de vestir uma bela fantasia e ser admirado. Para outros, tal idéia é inconcebível, mas pode ser substituída por ensaiar uns passos desajeitados, de sunga ou biquíni mesmo, ao som de uma banda. Alguns associam a idéia de carnaval a uma ou várias latinhas de cerveja. Outrora foi moda cheirar lança-perfume e há quem o faça ainda hoje, em nome do carnaval.

Para um dirigente de escola de samba, carnaval significa trabalho e tensão. Para o folião descompromissado, a oportunidade de paquerar e ser paquerado, chegando sempre que possível às vias de fato. Para uma velha baiana do Império Serrano, o carnaval era o único dia do ano em que encontrava um ex-namorado da juventude, hoje componente da velha-guarda, com quem não se casara. Muitos só neste período do ano têm coragem de viver plenamente sua sexualidade, permitindo-se atitudes censuradas durante o resto do ano¹.

Festa de múltiplos sentidos e significados que se transformaram ao sabor do tempo e do espaço. O extrato acima retrata a diversidade presente no carnaval carioca atual, mas que também podia ser experimentada há mais de um século: para uns era uma forma de civilizar a cidade, para outros o único momento que tinham para aproveitarem sua sexualidade; outros, ainda, viam nesse período a oportunidade de se adequarem aos modelos divulgados ou dar uma brejeira escapadela dos olhares sempre atentos dos pais. Sociedades, bailes, préstitos, entrudo, mascarados, bisnagadas: eram assim as festas por volta do último quartel do século XIX, na capital da Província de São Pedro.

No atual carnaval brasileiro – de escolas de samba e trios elétricos – percebe-se uma intensa participação das mulheres durante os festejos. Elas saem de destaques nas escolas de samba, passistas, porta-estandartes, vocalistas e dançarinas nos conjuntos musicais que animam os blocos no carnaval baiano em uma exaltação ao belo, às formas femininas e à sensualidade. Mas teria sido sempre assim? Durante o século XIX as mulheres participavam desses festejos? Como teria sido seu envolvimento com a festa em tempos de entrudo? E quando surgiram as sociedades carnavalescas teria havido alguma mudança? Estes foram os primeiros questionamentos e curiosidades que, por assim dizer, levaram a esta pesquisa.

¹VALENÇA, Rachel. *Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro:Relume-Dumará: Prefeitura, 1996, p.7.

Em meados da década de setenta do século XIX, Porto Alegre era uma pequena cidade que começava a se desenvolver e para obter os ares da modernidade era preciso reformá-la não só fisicamente, como nos hábitos, condutas e valores. Então, encontramos com o carnaval! Nele, igualmente, se tentaria estabelecer uma nova forma de festa, o chamado carnaval veneziano. Duas foram as representantes iniciais desse folguedo: a Sociedade Carnavalesca Os Venezianos e a Esmeralda Porto-Alegrense. Essas agremiações, compostas por homens influentes daquela sociedade, acreditavam estar trazendo uma maneira mais civilizada de fazer o carnaval, pois até então, ele era celebrado sob a forma do entrudo, brincadeira que estava sendo atacada de rude, insalubre e grosseira.

Através das pistas que nos foram deixadas do passado, dos dados “aparentemente negligenciáveis, [procuramos] remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”² e com isso novos questionamentos surgiram: quais eram os lugares e as condições que as mulheres ocupavam durante os festejos carnavalescos na cidade de Porto Alegre, entre os anos de 1869 e 1885? Quais eram os espaços de atuação que seriam socialmente desejáveis às mulheres durante o carnaval e de que maneira elas se comportavam diante da prescrição de condutas morais? Existiu espaço e formas de resistência apresentadas pelas mulheres diante de tais imposições? Tendo em vista as questões acima arroladas, este trabalho tem como objetivo analisar as condições e os lugares que ocupavam as mulheres durante os festejos carnavalescos, destacando o processo de transformação desta festa, nesta cidade e suas influências sobre as práticas femininas. Pretende-se abordar as tentativas de moralizar e adequar os comportamentos femininos aos espaços e condutas estabelecidas com o surgimento das sociedades carnavalescas e as posturas daquelas mulheres diante de tais condicionamentos. O período abordado por esta pesquisa compreende os anos entre 1869 – ano em que o entrudo, após algumas décadas de abrandamento, ressurgiu na capital da Província de São Pedro, tendo sido este renascimento atribuído a uma figura feminina – e 1885, ano marcado pela ausência dos venezianos, que deixam de apresentar seu préstimo e realizar seus bailes, representando o declínio e a falência das tradicionais sociedades carnavalescas³.

Como este se trata de um trabalho que parte de uma perspectiva da análise de gênero, é necessário fazer uma breve discussão em torno desta questão a fim de aprofundar tais conceitos.

²GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, p. 152.

³A sociedade Esmeralda, que juntamente com os Venezianos representava as tradicionais sociedades carnavalescas irá desaparecer em 1892, mas – tal qual sua co-irmã – enfrentava uma crise desde a década de 1880.

Em princípio, deve-se ter em mente que o gênero é uma categoria que se constrói sempre em uma perspectiva relacional, em função da oposição estabelecida entre masculino X feminino. Assim, estamos trabalhando a idéia de gênero entendida como uma categoria na qual “a diferença entre masculino e feminino [é tida] como resultado de uma organização social da relação entre os sexos, logo distanciando-se dos determinismos biológicos”⁴, pois as relações de gênero são construções históricas e culturais, imbricadas no sistema simbólico das representações.

Essas representações, ao mesmo tempo em que são elaboradas a partir da experiência de homens e mulheres em sociedade, ajudam a configurar estas mesmas experiências e a torná-las inteligíveis, refazendo-se a todo o momento, pois

os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias de análise. Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações historicamente situadas⁵.

Assim, ao longo deste trabalho, procurou-se observar que as prescrições sobre os comportamentos femininos nos festejos carnavalescos não eram rigorosamente aceitas e incorporadas pelas mulheres, que permaneciam fiéis a antigos costumes condenados tanto pela imprensa quanto pelas sociedades carnavalescas que queriam estabelecer lugares e condições para as mulheres diferentes daqueles ocupados até então.

Bourdieu propõe analisar “os ‘gêneros’ como *habitus* sexuados”⁶, ou seja, como a incorporação das disposições culturais do princípio de divisão sexual dominante sobre os agentes sociais, resultado de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua no qual “as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados”⁷. Para Bourdieu

as aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada [...], como o fundamento *in natura*

⁴SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990, p.15.

⁵ Ibid., p.15.

⁶BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005p.6.

⁷Ibid., p.34.

da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa⁸.

As pré-disposições culturais de uma sociedade é que formariam, portanto, o que é ser homem e o que é ser mulher. Na relação de forças material e simbólica entre os sexos, é destinado aos homens uma posição de dominação, onde o princípio dessa relação de dominação reside em instâncias como a “Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado”⁹.

Entender gênero como “*habitus* sexuado”, conforme Bourdieu, nos induz a discutir a própria noção de *habitus* trabalhada por esse autor. Para ele, o *habitus* é o conjunto de disposições culturais incorporadas a partir das estruturas materiais de um determinado período histórico e da posição ocupada pelos diferentes agentes no espaço social, ou seja, “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, [que] são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social.”¹⁰ As disposições dos agentes, as estruturas mentais através das quais eles entendem e percebem o mundo social e, por conseguinte, a si mesmos, formariam o que Bourdieu chamou de *habitus*. Desta forma, “através do *habitus* temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente”¹¹, pois, segundo ele,

o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o mesmo código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social¹².

Neste sentido, tal conceito ajuda-nos a compreender tanto a permanência dos costumes entrudescos entre o sexo feminino quanto as críticas sofridas por este modo de brincar o carnaval pela elite porto-alegrense, que reivindicava a existência de um carnaval mais moderno, sofisticado, atribuindo ao entrudo a pecha de jogo bárbaro e incivil. Ao longo dos capítulos, tal conceito será de grande utilidade para que possamos compreender os fenômenos aqui estudados.

O carnaval não é, efetivamente, um daqueles temas tradicionalmente contemplados pela historiografia. Até pouco tempo atrás, os estudos que no Brasil procuravam analisar os festejos

⁸Ibid., p.9 e 10.

⁹Ibid., p.11.

¹⁰Id. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.158.

¹¹Ibid., p. 159.

¹²Ibid, p.158 e 159.

carnavalescos vinham através de profissionais com formações em outras áreas das ciências sociais, demorando algum tempo para que os historiadores de ofício descobrissem o carnaval como objeto historiográfico. A partir de então, entretanto, proliferaram trabalhos com a temática carnavalesca e esta passou a ser do interesse de diversos campos disciplinares, não só no Brasil, como também nos mais diversos países do mundo.

Um dos estudos mais importantes sobre o carnaval é a obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*¹³, de Mikhail Bakhtin, na qual o autor através da compreensão da produção literária de Rabelais chegou à cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, e ao seu símbolo, o carnaval. Esta festa – que ocupava um lugar muito importante na vida do homem medieval – “ignora toda distinção entre atores e espectadores”¹⁴, pois o carnaval “existe para todo o povo”¹⁵. Possui um caráter universal, “é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam do festejo sentem-no intensamente”¹⁶. É o momento em que o povo penetrava “temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade igualdade e abundância”¹⁷. Nele, ocorria “o triunfo de uma libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, regras e tabus”¹⁸. Suas origens remontam ao Paganismo greco-romano, identificado com as Saturnais e Matronálias e tal festa é vista em oposição às tradicionais festas religiosas cristãs, pois, para Bakhtin, “o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”¹⁹. A despeito de tais afirmações de Bakhtin, referindo-se a uma realidade histórica distante da estudada aqui, em nosso carnaval – pelo menos no das sociedades – as fronteiras entre atores e espectadores parecem bastante nítidas: há os que desfilam e os que assistem, em um distanciamento bastante definido. Ao invés de uma quebra das hierarquias, o que se queria era um reforço dos signos de distinção, um carnaval de elite para reafirmar seu status, uma teatralização das diferenças sociais; em oposição ao estruído, jogo bárbaro e deselegante.

¹³BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.

¹⁴Ibid, p.6.

¹⁵Ibid, p.6.

¹⁶Ibid, p.6.

¹⁷Ibid, p.8.

¹⁸Ibid, p.8.

¹⁹Ibid, p.4.

Jacques Heers, em *Festas de loucos e carnavais*²⁰, também enxerga no carnaval uma dimensão de continuidade com os ritos pagãos. Para ele, entre as tradições romanas das Saturnais e as festas de loucos “a filiação parece se impor quase à evidência”, pois, segundo o autor,

esta permanência de uma herança de tradições populares fundamentais, ao longo de mais de um milênio, só surpreenderá quem se agarrar à idéia [...] de que existem fronteiras bem nítidas entre o mundo antigo e este período do nosso passado [...] o folclore é, sem dúvida, de todas as manifestações de uma cultura, a que resiste melhor às degradações do tempo e à influencia dos mentores.²¹

Ao contrário de Bakhtin e de Heers, Baroja, em *Le carnaval*²², apresenta essa festa como tendo uma origem cristã, estando estreitamente ligada à idéia de quaresma. Apesar dos festejos carnavalescos incluírem muitas festas de procedência pagã e serem caracterizados como a oposição dos valores pagãos da vida aos valores cristãos da quaresma, isso, para ele, não possibilita ajuizar-se numa teoria da sobrevivência, num fundo comum²³. Segundo Baroja, a busca pelo equilíbrio social, a fim de manter a ordem social, permitia que, durante a festa, se cometesse descomedimentos não permitidos em dias comuns, pois a “alegria e os excessos do carnaval só tem sentido como catarse preparatória para justificar a entrada na quaresma”²⁴.

Emmanuel Le Roy Ladurie, em *O Carnaval de Romans*²⁵, a despeito de seguir a mesma interpretação de Baroja quanto à origem do carnaval, entrevê nessa festa uma possibilidade transformadora; vislumbrando mudanças na ordem social ou resistências a esta. Enfoca o carnaval através dos aspectos religiosos, sociais, biológicos e cósmicos, salientando a riqueza de códigos simbólicos e folclóricos que, implexos às questões da comunidade, emergiriam durante as festas carnavalescas.

No Brasil, um dos estudos mais importantes sobre o carnaval – a despeito de todas as críticas (justas) que lhe são direcionadas – é *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*²⁶, do antropólogo Roberto DaMatta. Nessa obra, o autor se aproxima da visão apresentada por Baroja, na qual o carnaval é uma festa que, ao permitir

²⁰HEERS, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1987.

²¹Ibid., p.23-24.

²²BAROJA, Júlio Caro. *Le carnaval*. Paris:Gallimard, 1979.

²³Ibid., p.26.

²⁴Ibid., p. 27

²⁵LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Carnaval de Romans - Da Candelária à Quarta-Feira de Cinzas (1579-1580)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

²⁶DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 28.

determinados exageros, garantiria a manutenção da ordem e do equilíbrio social. A fim de entender o dilema brasileiro, o que faz do Brasil, Brasil, DaMatta chegou ao carnaval. Promotora de identidade social e construtora do caráter de nossa sociedade, essa festa é a marca de nossa individualidade, é o momento em que se “pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração”²⁷. Apesar de análises pertinentes sobre o festejo, DaMatta peca por enxergar o carnaval como a-histórico, vislumbrando essa festa como igual por todo o país e em todos os tempos, sem explorar a contextualização/historicização dela.

Maria Isaura Pereira de Queiroz é outra cientista social que teve como objeto de estudo o carnaval. E sua obra, *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*²⁸, também atribui ao “carnaval brasileiro” um sentido unívoco: festa nacional, com poucas variações regionais. A autora afirma que as “comemorações são encontradas por toda parte e com o mesmo programa, as variações são mínimas” e que “a uniformidade dos folguedos sempre existiu no país”²⁹. Queiroz estrutura o carnaval, dividindo-o em três fases: o entrudo, a festa burguesa (carnaval veneziano) e festa popular (blocos e escolas de samba).

Já no reino de Clio, encontramos Rachel Sohiet que, em *A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*³⁰, focalizou sua investigação na participação dos segmentos subalternos no Carnaval do Rio de Janeiro, de 1890 ao tempo de Vargas, assim como sua presença em festas religiosas – a Festa da Penha. Demonstrou que os populares, utilizando o riso, resistiam às situações que lhes eram opressivas; “para esses segmentos excluídos, o Carnaval, particularmente, representou uma possibilidade de participação da qual não se omitiram”³¹, ao contrário, usando de “metáforas, explorando sua criatividade, tendo o riso como arma, procuraram reagir às diversas formas de opressão que sobre eles incidiam”³². Sohiet, atrás das marcas de resistência dos subalternos, encontra as mulheres, que a despeito de toda coação sofrida, através da educação formal, do aparato jurídico, literatura para “inibir a mulher de expressar seus desejos e condenar uma atitude mais descompromissada desta

²⁷Ibid, p.30

²⁸QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

²⁹Ibid, p. 12-13.

³⁰SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³¹Ibid, p.15

³²Ibid, p.15.

em relação às regras do comportamento feminino adequado” executam transgressões, “revelando a resistência desse sexo à camisa-de-força que se lhe pretendia impor”³³.

Maria Clementina Pereira da Cunha, em *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*³⁴, se propôs a ouvir os diversos ecos que essa festa produziu. Crítica o modelo que entende o carnaval como uma ocasião possível de “construir e exprimir simbolicamente a ‘essência do nosso sangue’”³⁵ procurou “pensar o carnaval nos termos de uma história social da cultura que o faça retornar ao leito dos conflitos, da mudança e do movimento próprios à história; chegar perto de tensões e diálogos entre sujeitos que nem sempre então reconciliados sob o reinado de Momo”³⁶. A participação das mulheres nas folias carnavalescas é analisada ao longo do livro. Em relação ao entrudo, a autora afirma que “uma das unanimidades entre os autores que descrevem esses velhos Carnavais ensopados – e que ajuda a explicar sua longevidade – diz respeito à especial preferência das mulheres por essa forma de brincadeira [...]”³⁷. Segundo ela, não era de estranhar o “apego ardente demonstrado pelas moças ‘de família’ a esse jogo”³⁸ devido à redução de suas oportunidades de “participação ativa nos jogos sociais, e em especial nos amorosos”³⁹ por causa das regras morais e dos costumes. No entrudo, no entanto, “geralmente lhes cabia a iniciativa”⁴⁰.

No Rio Grande do Sul, a maior parte dos trabalhos sobre o carnaval referem-se à capital. Entretanto, alguns estudos sobre os festejos carnavalescos em cidades como Pelotas e Rio Grande merecem destaque tais como os artigos de Álvaro Barreto, Marco Antônio Mello, Beatriz Loner e Lorena Gil⁴¹. Para o caso específico da capital, fora do âmbito acadêmico, foram encontrados

³³Ibid, p.174.

³⁴CUNHA, Maria C. P. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁵Ibid., p.14.

³⁶Ibid., p.16.

³⁷Ibid., p.60.

³⁸Ibid., p.61.

³⁹Ibid., p.61.

⁴⁰Ibid., p.61.

⁴¹Para o carnaval de Pelotas, ver BARRETO, Álvaro; GANS, Magda Roswita. “Dois ensaios sobre carnaval e sociedade no Rio Grande do Sul”. In: *Cadernos do PPGH*, nº 9, UFRGS, 1994. BARRETO, Álvaro. “Relações sociais no carnaval pelotense de 1890 a 1906”. In: *Cadernos do ISP*, nº 7, UFPel, out./1995. BARRETO, Álvaro. “O Apogeu do Carnaval Veneziano em Pelotas (1906-1921)”. In: *Cadernos do ISP/UFPel*, nº 8, jul/1996. MELLO, Marco Antônio Lirio de. *Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1994. LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. Organização negra em Pelotas: características e evolução (1870-1950). In: 3 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : OIKOS, 2007. v. 1. p. 1-11. LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. Os clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS). In: 3º encontro escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. 3] Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo :

três trabalhos: o livro “*Memórias de um Carnavalesco*”⁴², escrito por Hemetério de Barros; o estudo de Athos Damasceno, “*O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*”⁴³ e *Fragmentsos históricos do carnaval de Porto Alegre*⁴⁴, pesquisa publicada por Heitor Carlos Sá Britto Garcia. Ao apresentarem elementos factuais dos diferentes carnavais de Porto Alegre estes trabalhos tornam-se importantes, sendo o de Ferreira o de maior relevância para esta pesquisa haja vista ter ele feito um histórico do carnaval em Porto Alegre, desde os tempos do entrudo até o fim do século XIX, com a decadência das sociedades carnavalescas e ter reproduzido integralmente várias notas de jornais que hoje em dia encontram-se indisponíveis para consulta. Há, ainda, outros trabalhos – publicados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre – com objetivo de divulgação ao grande público que têm como foco o carnaval porto-alegrense: *Carnavais de Porto Alegre*⁴⁵, *Carnaval 2000*⁴⁶, *Conversas entre confetes*⁴⁷, *Memória do Carnaval do Bairro Santana*⁴⁸, *Memórias dos destaques de carnaval de Porto Alegre*⁴⁹.

Assim como no restante do país, no Rio Grande do Sul, o carnaval também demorou um pouco mais para adentrar o terreno da história. Liliane Guterres, antropóloga, estudou a escola de samba “Imperadores do Samba”⁵⁰ e Josiane da Silva, a “Bambas da Orgia”⁵¹. O carnaval da cidade de Porto Alegre, em cursos de pós-graduação em História, até o presente momento, serviu

Oikos, 2007. v. 1. p. 1-15. LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . Clubes negros em Pelotas (RS), Brasil: histórias e memórias. In: VIII Encuentro Nacional y II Congreso Internacional de História Oral de La Republica Argentina, 2007, Buenos Aires. Las fuentes orales: sua plicación en Educación, Investigación y gestión. Buenos Aires : Ministerio de Cultura, 2007. v. 1. p. 1-5. LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . Mulher, carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7- gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis. Fazendo gênero 7- gênero e preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres. v. 1. p. 1-7.

⁴²BARROS, Hemetério de. *Memórias de um Carnavalesco*. Porto Alegre: Ed. Guapel, s/d. Hemetério de Barros foi um dos fundadores do grupo carnavalesco “Bambas da Orgia” em 1940 e seu primeiro presidente.

⁴³FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.

⁴⁴Tal obra foi publicada com verbas do próprio autor e apareceu em poucas livrarias de Porto Alegre no ano de 2006. Há um exemplar disponível para consulta na Biblioteca Pública Estadual. GARCIA, Heitor Carlos Sá Britto. *Fragmentsos históricos do carnaval de Porto Alegre*. s/e: Porto Alegre, s/e.

⁴⁵KRAWCZYK, Flávio. GERMANO, Iris. POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre/SMC, 1992.

⁴⁶MAIA, Sandra. *Carnaval 2000*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.

⁴⁷FISCHER, Luís Augusto; SEDREZ, Mariângela. (Orgs.). *Conversas entre confetes*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

⁴⁸GUTERRES, Liliane S. *Memória do Carnaval do Bairro Santana*. Porto Alegre: UE/SMC, 2004.

⁴⁹GUTERRES, Liliane S. *Memórias dos destaques de carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial/Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

⁵⁰GUTERRES, Liliane S. *Sou Imperador até morrer: um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1996.

⁵¹SILVA, Josiane Abrunhosa da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1993.

como objeto de estudo para três dissertações de mestrado, são elas: *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*⁵², de Íris Germano; *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*⁵³, de Marcus Vinícius da Rosa e a de Alexandre Lazzari, *Certas Coisas não são para que o povo as faça*.⁵⁴

Íris Germano abordou alguns aspectos da construção identitária negra em Porto Alegre através do estudo do carnaval nas décadas de 1930 e 1940, enfocando os diferentes modos como os grupos afro-descendentes locais se apropriaram dessa festa, e assim, compuseram suas identidades como negros, porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Poucas são as referências que a autora faz à participação das mulheres naqueles festejos – mesmo porque esse não era o objetivo de seu trabalho. Ao falar das sociedades de elite, tanto negras quanto brancas, afirma que “realizavam bailes fechados em suas sedes, concursos internos, como o da rainha, melhor fantasia, melhor bloco, entre outros”⁵⁵. Já nas bandas e blocos humorísticos as mulheres não estavam presentes, ausência que se justificava pelo “escracho e a esculhambação que faziam parte dos seus desfiles públicos, além do fato de que as *cavernas* onde ensaiavam eram espaços de sociabilidades masculinas onde os amigos se reuniam e criavam fantasias e as avacalhações para as apresentações nos dias de carnaval”⁵⁶. Rosa, trabalhando também com as décadas de 1930 e 1940, “buscou enfatizar a multiplicidade de sujeitos e modos de organização, a variedade de sentidos e a diversidade dos lugares da festa”⁵⁷, olhando para a construção de hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos e os conflitos e solidariedades estabelecidos entre os variados agrupamentos carnavalescos da cidade, num período em que “os folguedos ‘populares’ foram submetidos a um intenso processo de transformação em ‘ícones de brasilidade’”⁵⁸.

Possivelmente, a pesquisa de maior relevância sobre o carnaval de Porto Alegre no período estudado seja a dissertação de Alexandre Lazzari, *Certas Coisas não são para que o*

⁵²GERMANO, Iris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1999.

⁵³ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. . Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.

⁵⁴LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça: Carnaval em Porto Alegre(1879-1915)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1998.

⁵⁵GERMANO, Íris. Op. Cit., p.120.

⁵⁶Ibid., p.149.

⁵⁷ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. Op. Cit., p. VI.

⁵⁸Ibid., p.VI.

povo as faça. Neste trabalho, o autor analisa o carnaval em Porto Alegre no período de 1870 a 1915, buscando entender de quem realmente era o carnaval nesse período: era ele do povo? “Que diferentes expectativas projetadas sobre o carnaval de rua teriam sido decisivas para a sua apropriação definitiva por alguns grupos e abandono por outros?”⁵⁹. Para tanto, o autor defende a hipótese de que havia, no carnaval porto-alegrense do final do século XIX, uma tradição baseada em adaptações, ressignificações e rejeições das novidades culturais da Corte carioca e da Europa, “conforme suas conveniências e condições sociais e políticas”⁶⁰. Isso, posteriormente, teria facilitado a difusão dos símbolos de identidade nacional, pois já encontraria um “terreno preparado, de diferentes formas, nos maiores centros urbanos do território nacional, onde eles não eram estranhos às classes populares”⁶¹. Lazzari destacou a mudança de lugares das mulheres dentro das sociedades carnavalescas, que surgiram como estritamente masculinas e com o passar dos anos transformaram-se em associações familiares⁶². Contudo, apesar do significado de tal pesquisa para os estudos sobre o carnaval em Porto Alegre, o espaço destinado à análise dos papéis das mulheres neste festejo limitou-se a algumas referências ao longo do texto que, apesar de apontarem caminhos interessantes, não foram suficientemente desenvolvidas em função de não serem esses os objetivos da pesquisa. A partir dos indicativos apresentados por Lazzari este trabalho pretendeu explorar essencialmente a participação dessas mulheres ao longo do processo de criação das sociedades carnavalescas até seu declínio, representado pelo último desfile dos venezianos, tentando apreender os diferentes significados atribuídos tanto por elas, quanto pelos homens que faziam o carnaval ou que escreviam sobre ele.

Desta forma, nesta dissertação, analisaremos a participação das mulheres nos festejos carnavalescos da cidade de Porto Alegre, desde os tempos de entrudo ao surgimento, consolidação e declínio das tradicionais sociedades carnavalescas, assinalando as diferentes condições e lugares ocupados por elas, bem como os espaços que queriam que elas ocupassem. Pretende-se, assim, compreender os processos de construção do gênero feminino, haja vista que ela se dá a partir de relações historicamente constituídas, pois ao apontarmos os caminhos que estavam sendo apresentados para as mulheres poderem se entregar a folia – a partir da inauguração das sociedades Esmeralda e Venezianos, que se opunha aos lugares que elas

⁵⁹LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.10.

⁶⁰Ibid, p.12.

⁶¹Ibid., p.12 e 13.

⁶²Ibid., p.134.

ocupavam nas brincadeiras do entrudo – assinalamos que essa construção do que era ser mulher estava também sendo promovida através do carnaval. A fim de melhor apresentar essa trajetória percorrida, o trabalho foi estruturado em 4 capítulos. O primeiro irá analisar a participação das mulheres na brincadeira do entrudo, mais especialmente nos anos iniciais da década de 1870. Ativas jogadoras, tanto as mocinhas das famílias mais conhecidas quanto mulheres não tão “bem nascidas”, a elas eram dirigidos apelos para que desistissem do jogo. Desde discursos médico-sanitários, lembrando as epidemias por que havia passado a cidade, até os de juízo moral, condenando o comportamento de quem se entregava a esse modelo de festa. Acusadas de terem feito retornar esse costume à cidade (através da figura da Ex-marquesa de Monte Alegre), após um período de arrefecimento das práticas entrudescas, eram as mulheres protagonistas dessa história, que renderia, ainda, muitas polêmicas na imprensa porto-alegrense do período.

O capítulo II irá abordar o surgimento de uma nova festa, ou seja, a criação das sociedades carnavalescas – Esmeralda e Os Venezianos. Esse novo modelo de carnaval, proposto por um seleto grupo de homens da cidade, tinha em vista uma reforma do comportamento carnavalesco que pudesse dar a Porto Alegre os ares da modernidade. Essa transformação destinava-se também às mulheres, às quais eram atribuídos outros lugares e condições durante os festejos. Da ativa participação no entrudo – que passara a ser condenado pela licenciosidade e pela possibilidade de quebra na prudência sobre a conduta das “senhoritas” – à passividade das sociedades carnavalescas. Assim, outros lugares – jogar flores aos rapazes que desfilavam – foram estabelecidos para as mulheres, a fim de adequarem seus comportamentos durante os festejos de Momo.

No terceiro capítulo, será considerado o momento em que essas mulheres transpõem esse modelo que lhes fora apresentado e passam a participar das sociedades, “conquistando” novos espaços e lugares nessa festa, fazendo parte da organização dos festejos, dos bailes, desfilando nos préstitos e não se resignando com o lugar que inicialmente estava definido para elas: jogadoras de flores! Analisaremos, portanto, os bailes das tradicionais sociedades, evidenciando a atuação das mulheres neles, inclusive ao permanecerem fiéis às práticas do entrudo, apesar de severas recomendações contrárias a este jogo. Os préstitos também serão aqui contemplados, dando-se especial atenção aos carros que continham a presença feminina, como por exemplo, o da rainha. Mas não só de transgressões e transposições era feito o carnaval. Veremos também

que, muitas vezes, as mulheres tentaram se adequar aos modelos que eram divulgados, mesmo que somente em termos de discurso e não de prática.

O quarto e último capítulo analisará o momento em que as duas tradicionais sociedades, Esmeralda e Venezianos, ao mesmo tempo que entram em decadência, influenciam outros grupos a adaptarem o mesmo formato de carnaval, como, por exemplo, a Germânia, a Floresta Aurora e a Congos. Neste capítulo, destacaremos as possíveis causas que levaram à falência dessas agremiações, como a insistência do gosto feminino pelo entrudo. E no que tange à criação de outras sociedades, influenciadas pelo modelo veneziano, abordaremos especialmente a Germânia, na qual daremos ênfase às participações das mulheres.

Ao abordar um tema como esse – a participação feminina no carnaval durante o Segundo Império – nos deparamos com um problema relativo à escassez de fontes produzidas por e sobre essas mulheres. Contudo, conseguimos encontrar registros que conferem visibilidade a essas protagonistas do carnaval porto-alegrense. Assim, buscamos consultar um diversificado leque de fontes a fim de incorporar diferentes vozes ao trabalho. Deste modo, um dos registros mais utilizados durante esta dissertação foi a fonte impressa – sobretudo os jornais *A Reforma*, *Mercantil*, *Jornal do Comércio*, *O Século*, *Álbum de Domingo* – que, vale lembrar, jamais pode ser vista como um dado, “a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”⁶³. Espig ressalta uma série de qualidades – extremamente úteis para a pesquisa histórica – que o jornal possui: a periodicidade, constituindo-se em “‘arquivos do cotidiano’, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos”⁶⁴; a disposição espacial da informação, “que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo”⁶⁵. Existem, ainda, alguns passos que o historiador deve seguir para não cair em suas armadilhas: ler intensivamente o jornal, que é o que “acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo de formulação do jornal”⁶⁶, a leitura “deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha”⁶⁷, pois deve-se atentar para o fato de que a imprensa “não informa a história,

⁶³ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. IN: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, n.13, dezembro de 1995, pp.19-29, p. 21.

⁶⁴ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS – Curso de Pós-Graduação em História, v. XXIV, n.2, dez.1998, pp.269-289, p.274.

⁶⁵Ibid, p.274.

⁶⁶ELMIR, Cláudio. Op. Cit., p. 22.

⁶⁷Ibid., p. 21.

simplesmente”⁶⁸. Ela deve ser pensada como “uma representação construída sobre o real, sobre os quais incidem determinados filtros deformadores que cabe ao historiador determinar e equacionar em suas análises. Esta representação luta para impor-se frente a outras, e passará a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo”⁶⁹.

Neste sentido, Elmir sugere que “a imprensa não pode ser fonte exclusiva para qualquer pesquisa histórica”⁷⁰ pois, para ele, dificilmente uma pesquisa se sustenta com “um único tipo de fonte documental”⁷¹. Desta forma, a presente dissertação procurou abarcar diversos tipos de registros documentais para a realização deste trabalho. Antes, é preciso salientar que maioria das “pistas” deixadas pelo passado foi elaborada por homens e que nós, com esta pesquisa, intencionamos trazer à tona, não somente o que eles queriam que essas mulheres fizessem durante o período carnavalesco, mas também o que elas acreditavam que deviam fazer e fizeram. Portanto, estamos lidando com o silêncio das mulheres, haja vista que esse é um período em que há escassez de testemunhos produzidos por elas. Há, pois, nitidamente uma fronteira, entre o que era transmitido através da imprensa e considerado legítimo e pertinente a uma mulher durante o carnaval e o que elas realmente queriam fazer. Há uma distinção entre ideais culturais e experiências sociais, dito de outra forma: há diferença entre o que era esperado e pregado como um comportamento adequado para as filhas do Sul e o que essas mulheres verdadeiramente praticavam durante o carnaval. Se nos ativermos somente àquilo que os homens de jornais pregavam como comportamento adequado às mulheres durante o festejo, diremos que elas, quando da instauração das sociedades carnavalescas, passaram de uma participação ativa (com o entrudo) para uma passiva (espectadoras da festa feita pelos homens). Entendemos, portanto, que com a instauração das sociedades carnavalescas, houve também a tentativa de implantação de um discurso dominante masculino, sendo a festa utilizada como um veículo de propagação⁷², mas que, na verdade, não passou de uma construção ideológica a fim de restringir o espaço de atuação das mulheres, pois na prática veremos mulheres rompendo com ele e criando espaços para agirem e atuarem nesse novo carnaval, e assim confirmando que, “... a convicção de que ver a mulher

⁶⁸ESPIG, Janete. Op. Cit., p.274.

⁶⁹Ibid., p.276.

⁷⁰ELMIR, Cláudio. Op. Cit., p. 25.

⁷¹Ibid, p.25.

⁷²Outros estudos mostram que nesse período havia uma diferença entre o discurso destinado ao comportamento feminino e a experiência social. BECKER, Gisele. *Uma História Polifônica: Mulheres e Laços de Família em Porto Alegre (1858 -1908)*. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

principalmente como vítima de opressão é subestimar seriamente o seu envolvimento histórico ativo”⁷³. Isso não quer dizer, entretanto, que muitas outras não acabassem imbuídas com esse imaginário e com essas disposições culturais e os praticassem ou ao menos afirmassem que o fizessem.

Todavia, se os jornais nos mostram registros produzidos predominantemente por homens, conseguimos buscar indícios, vozes femininas, a partir de processos-crime nos quais elas são chamadas à justiça para testemunharem sobre eventos dos quais fizeram parte. Nestes momentos, essas vozes emergem em meio a depoimentos, inquéritos e testemunhos e podemos saber um pouco das versões femininas, mesmo que coagidas pela justiça, em uma situação um tanto quanto constrangedora. Não devemos, contudo, acreditar que através dos processos criminais descobriremos o que realmente aconteceu. Isso, não impede que eles possam ser ricos registros das práticas e representações dos agentes envolvidos na questão, abrindo um leque de possibilidades para compreender tanto a eles, quanto a sociedade a que pertenciam. Para Chalhoub

ler processos criminais não significa partir em busca ‘do que realmente se passou’ porque esta seria uma expectativa inocente – da mesma forma como é pura inocência objetar à utilização dos processos criminais porque eles ‘mentem’. O importante é estar atento às ‘coisas’ que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência.⁷⁴

As fontes imagéticas também foram utilizadas ao longo desta pesquisa, sobretudo a partir da análise de um conjunto de charges publicadas na imprensa da capital que retratavam o carnaval de Porto Alegre e a participação feminina nesses festejos. Para Pesavento, a arte, “seja como confirmação, negação, ultrapassagem, transformação, inscrição de um sonho, fixação de normas e códigos, registro de medos e pesadelos, expectativas”⁷⁵, pode ser entendida como “um registro sensível no tempo, que diz como os homens representavam a si próprios e ao mundo”⁷⁶. Assim, mesmo que as imagens nos permitam “‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”⁷⁷,

⁷³HILL, B. Para onde vai a História da Mulher?: História da Mulher e História Social. IN: *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, 1995, p.12.

⁷⁴CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁷⁵PESAVENTO, Sandra. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos, Arte e Histórico*, n.30, 2002/2, p.1.

⁷⁶Ibid, p.1.

⁷⁷BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.17.

devem ser elas entendidas como uma construção simbólica, uma representação e não como uma reconstrução fiel da realidade. Neste sentido, Kern salienta que a imagem “não pode ser pensada pelo conceito oriundo do mundo clássico, já que ela se constitui como representação, estruturada por conceitos e pela aceção que o artista tem do mundo, por suas intenções ou aquelas do encomendante da obra e pelo uso social da mesma”⁷⁸.

Outras fontes ainda foram consultadas, tais como os livros de atas da Sociedade Carnavalesca Esmeralda (1907 a 1931), livro de registro das posturas municipais (1824 a 1888) e inquéritos policiais a fim de podermos chegar o mais próximo possível daquele universo carnavalesco de nossas foliãs do século XIX. Vamos a elas então!

⁷⁸KERN, Maria Lúcia. Tradição e Modernidade: a imagem e a questão da representação. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n.2, dezembro de 2005, p.18.

CONCLUSÃO

Se no carnaval de hoje em dia vemos as mulheres se entregando ao reinado de Momo com toda a força – e por que não com toda a pompa – exibindo beleza, sensualidade, explorando muitas vezes seu corpo com fins, até mesmo, comerciais; as encontramos também nos tempos de Império se entregando aos delírios que essa festa proporcionava. Todavia, essa participação feminina nos festejos carnavalescos sofreu tentativas de controle e de readequação no espaço social, uma vez que, segundo senso corrente na época, não seria adequado às belas filhas do Rio Grande participar de um jogo bárbaro e grotesco como o entrudo.

Adentramos, pois, um pouco mais no universo deste jogo – prática carnavalesca bem antiga, de origem ibérica que se parece ter estado presente desde a formação da cidade de Porto Alegre. Essa brincadeira, mesmo passando por uma série de proibições, se fazia presente em tempos de carnaval. A ela era direcionada uma série de críticas, tanto no sentido sanitário (de ameaça à saúde pública), quanto no âmbito comportamental (não adequada às humanas filhas do Rio Grande, rude e grosseira), mas, mesmo assim, fazia o deleite das mulheres. Após um período em que, em virtude de epidemias que assolaram a capital, tal brincadeira esteve em desuso, ressurgira de modo bastante entusiástico entre a população da capital, sobretudo a partir de 1870. Tal retorno fora atribuído pela imprensa porto-alegrense à ex-Marquesa de Monte Alegre – esposa do então presidente da Província Antônio da Costa Silva e Pinto, que havia brincado no ano anterior. As mulheres se espelharam nas brincadeiras palacianas e, a despeito das tentativas de repressão policial, se puseram a jogar limões de cheiro, águas de baldes e gamelas...

Para os jornalistas, a cidade necessitava de um carnaval mais sofisticado, que levasse a capital da Província à altura das grandes cidades européias e da corte. A fim de atender a essa demanda – expressa nos jornais de grande circulação da capital – surgiram, então, as sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos. Tais sociedades representavam um carnaval fino e educado – em contraposição ao entrudo – e almejavam a extinção de tal costume. Essas

sociedades, com seus bailes e préstitos, destinavam novos lugares e condições à participação feminina: elas seriam responsáveis por engrandecer os desfiles jogando flores aos rapazes que passavam sob suas janelas. Ao invés do contato físico proporcionado pela velha brincadeira, o distanciamento corporal dos préstitos, que permitiria às famílias zelarem pela honra e moral de suas donzelas.

Tal mudança de comportamento não foi bem aceita entre as mulheres. Com o tempo passaram a participar ativamente da festa. Elas organizariam e freqüentariam os bailes, nos quais permaneceram jogando entusiasticamente o tão condenado entrudo, apesar dos inúmeros apelos das diretorias de Esmeralda e Venezianos para que isso não ocorresse. Perfizeram a organização dos préstitos, mas também neles desfilaram. Tinham carros exclusivos para elas, como por exemplo, o da rainha – que era sempre alguma parenta (filha, irmã, sobrinha) de algum associado. Além disso, elas passaram a integrar as listas de eleições de ambas as sociedades; gradativamente ganharam espaço – se primeiro apareciam sob o respaldo dos maridos, com o título de Exs. Senhoras, depois essa classificação se desfez, aparecendo seus nomes lado a lado ao dos homens das sociedades.

Algumas vezes, entretanto, tais discursos que atribuíam às mulheres um comportamento caracterizado pela passividade e moral acabavam encontrando eco nas próprias práticas sociais femininas. Vimos o caso de Honorata (escrava do Dr. Barcellos) que parece ter com sua conduta transgredido a tais imposições, mas na forma de discurso se adequou. Percebemos, assim, que os signos elaborados pelas elites, muitas vezes proliferavam em meio aos populares, que procuravam se ajustar a tais noções.

Mesmo as mulheres participando dos desfiles e da organização dos bailes e das diretorias mostramos também o quanto ainda pertencia aos homens o título de promotores do carnaval, pelo menos do carnaval das sociedades, estando a imagem deles atrelada a essas agremiações, enquanto a delas estava a do entrudo.

Apesar disso, esse novo carnaval havia feito sucesso entre os porto-alegrenses e, como vimos, entre as mulheres. Mas, mesmo tendo conquistado êxito, as tradicionais sociedades carnavalescas – Esmeralda e Venezianos – ingressariam em uma crise que as levaria à falência. Algumas prováveis causas foram analisadas: a permanência do entrudo, principalmente devido ao gosto feminino por tal prática; crises financeiras e falta de contribuições dos sócios; disputas

internas. Mesmo assim, tais associações influenciaram o surgimento de novas sociedades carnavalescas adeptas do mesmo formato de carnaval – como a Germânia, a Floresta Aurora, a Congos, entre outras – o que demonstra que o modelo de carnaval por elas defendido – a despeito de sua falência – fora exitoso.

Ao longo desta dissertação pudemos observar que as formas de participação feminina no carnaval de Porto Alegre foram um objeto de disputa entre aqueles que defendiam que elas deveriam assumir uma postura de passividade, de meras espectadoras do verdadeiro carnaval; e as mulheres que, a despeito dessas imposições sociais, reivindicavam, através de ações, uma postura mais ativa, lugares e condições nos quais elas realmente pudessem usufruir as benesses dos festejos momescos. Nesta disputa, as mulheres conseguiram reafirmar seu direito de participar ativamente do carnaval, seja com limões e bisnagas, seja desfilando nos préstitos das sociedades. Assim, mesmo que o modelo de carnaval defendido por esmeraldinos e venezianos tenha efetivamente atraído o gosto dos porto-alegrenses, o espaço originalmente destinado ao sexo feminino teve que ser revisto e foi dado a elas o direito de participar das festas que – inicialmente – eram destinadas somente aos bons moços das sociedades. Um carnaval familiar, de homens e mulheres, esposos e esposas, tios e sobrinhas, mas que também podia ser espaço de paqueras e ousadas, como as da Dona Carnavalesca que esperava ansiosamente pelos festejos de Momo, quando poderia exercer e vivenciar tudo aquilo que desejava o ano inteiro!